

Uma visão geral da teoria Integral

por Sean Esbjörn-Hargens

"A palavra integral significa abrangente, inclusivo, não-marginalizante, abarcante. As abordagens integrais, em qualquer campo, buscam exatamente isso: incluir, dentro de uma visão coerente do tópico, o maior número possível de estilos, metodologias e perspectivas. De certa forma, as abordagens integrais são "meta-paradigmas", maneiras de unir os diversos paradigmas isolados já existentes em uma rede inter-relacional de abordagens mutuamente enriquecedoras." Ken Wilber

O mundo nunca foi tão complexo quanto agora – é mentalmente atordoante e, às vezes, emocionalmente exasperante. Além disso, essa cacofonia mundial parece se tornar cada vez mais complexa conforme enfrentamos os grandes problemas do nosso tempo: o fundamentalismo religioso extremista, a degradação ambiental, o colapso dos sistemas educacionais, a alienação existencial e a instabilidade dos mercados financeiros. Nunca houve tantas disciplinas e visões de mundo a serem consideradas e consultadas para lidar com essas questões – uma verdadeira cornucópia de perspectivas. Porém, sem uma forma de ligar, alavancar, correlacionar e alinhar essas perspectivas, a maioria de suas contribuições para os problemas que estamos encarando ficam perdidas ou comprometidas. Agora nós somos parte de uma **comunidade global** e precisamos de um sistema que consiga sustentar as **diversas perspectivas** válidas, que possuem algo a oferecer para nossos esforços individuais e nossas soluções coletivamente criadas — um sistema de **visão global**, porém que esteja ancorado nas minúcias da nossa vida cotidiana.

Em 1977 o filósofo norte-americano Ken Wilber publicou seu primeiro livro, *O Espectro da Consciência* — uma obra revolucionária, que integrava as principais escolas de psicologia dentro de um contínuo de complexidade crescente, com diferentes escolas focando nos diversos níveis ao longo desse espectro. Ao longo dos trinta anos subsequentes ele deu prosseguimento a esse impulso integrativo, escrevendo livros sobre temas como antropologia cultural, sociologia da religião, filosofia, física, ciência e religião, saúde, estudos ambientais, e pós-modernismo. Wilber publicou mais de vinte livros até hoje, e nesse processo criou a **teoria integral** [2]. Sua obra foi traduzida para mais de vinte e quatro idiomas — o que dá uma ideia de seu **alcance e utilidade globais** [3]. Desde que foi criada por ele, a teoria integral tornou-se uma das principais abordagens dentro do campo de **estudos integrais e meta-teorias** [4]. Seu papel proeminente é em grande parte resultado das inúmeras aplicações dentro das quais ela se provou eficaz, assim como do trabalho de diversos praticantes-acadêmicos que contribuíram e seguem contribuindo para seu desenvolvimento contínuo.

A teoria integral costura os *insights* significativos de todas as grandes disciplinas humanas do conhecimento, incluindo tanto as ciências naturais e sociais quanto as artes e as ciências humanas. Devido à sua natureza abrangente, ela vem sendo utilizada em mais de trinta diferentes campos acadêmicos e profissionais — tais como **arte, saúde, gerenciamento organizacional, ecologia, congregações religiosas, economia, psicoterapia, direito e feminismo**. Além disso, ela tem sido usada no desenvolvimento de uma abordagem de transformação e integração pessoal chamada Prática de Vida Integral [*ILP*, no original em inglês]. O sistema ILP permite que os indivíduos explorem e desenvolvam de forma sistemática os muitos aspectos de si mesmos, tais como seu corpo físico, sua inteligência emocional, sua percepção cognitiva, seus relacionamentos interpessoais e sua sabedoria espiritual. Como a teoria integral inclui sistematicamente mais aspectos da realidade e os inter-relaciona de maneira mais minuciosa do que qualquer outra abordagem atual de avaliação e construção de soluções, ela possui o potencial de ser mais bem-sucedida ao lidar com os complexos problemas que estamos enfrentando no século 21.

A teoria integral fornece a indivíduos e organizações um sistema poderoso, adequado para praticamente qualquer contexto e utilizável em qualquer escala. Isso se deve ao fato de que ela **organiza todas as abordagens e disciplinas de análise e ação atualmente existentes**, e permite que o praticante selecione as ferramentas, técnicas e *insights* mais relevantes e importantes. Consequentemente, ela vem sendo utilizada de maneira bem-sucedida em um grande número de contextos — desde o ambiente íntimo da psicoterapia individual até o programa “Liderança Para Resultados”, das Nações Unidas, que foi usado em mais de trinta países como resposta global à AIDS. Na parte final desse artigo irei fornecer outros exemplos da teoria integral em ação, a fim de ilustrar a variedade de contextos nos quais as pessoas estão descobrindo a utilidade desse sistema.

Foi após a publicação de seu livro seminal *Sex, Ecology and Spirituality* [em livre tradução: Sexo, Ecologia e Espiritualidade], em 1995, que Wilber começou a utilizar o termo “integral” para se referir à sua abordagem. Nesse livro ele introduziu o modelo quadrante, que desde então se tornou um ícone de seu trabalho em geral — e da teoria integral, em particular. Esse modelo é frequentemente denominado *modelo AQAL*, onde a sigla AQAL (pronuncia-se *áqual*) quer dizer **“todos os quadrantes, todos os níveis, todas as linhas, todos os estados e todos os tipos”** [em inglês: *all quadrants, all levels, all lines, all states and all types*]. Esses cinco elementos representam alguns dos padrões repetitivos mais fundamentais da realidade. Ao inclui-los, portanto, você “cobre o básico”, certificando-se de que nenhuma parte importante de uma solução seja esquecida ou negligenciada. Cada um desses elementos pode ser utilizado para “olhar” a realidade — e, ao mesmo tempo, representam os aspectos básicos da sua própria percepção agora e em cada momento. Nesse texto eu irei lhe conduzir ao longo das características essenciais de cada um deles, além de fornecer exemplos de como são utilizados nos mais diversos contextos, qual o motivo de serem tão úteis para um praticante integral, e como identificá-los em sua própria percepção nesse exato momento. Ao término dessa visita guiada, você terá uma compreensão sólida de uma das **mais versáteis e dinâmicas** abordagens integrativas dos *insights* de inúmeras disciplinas. Então vamos começar com os fundamentos do modelo AQAL: os quadrantes.

TODOS OS QUADRANTES: As perspectivas e dimensões básicas

De acordo com a teoria integral, existem pelo menos quatro perspectivas irreduzíveis (subjéctiva, intersubjéctiva, objectiva e interobjectiva) que devem ser consideradas ao se tentar compreender plenamente qualquer questão ou aspecto da realidade. Portanto, os quadrantes expressam o simples reconhecimento de que tudo pode ser visto a partir de **duas distinções fundamentais**: (1) uma perspectiva interior e uma exterior; e (2) uma perspectiva singular e uma plural. Um rápido exemplo pode ajudar a ilustrar isso: imagine que você está tentando compreender os componentes de uma reunião bem-sucedida no trabalho. Para apreender de forma plena o que está envolvido na condução de reuniões frutíferas, você precisará se remeter aos *insights* psicológicos e crenças culturais (o interior de indivíduos e grupos), e também às observações comportamentais e dinâmicas organizacionais (o exterior de indivíduos e grupos).

Esses quatro quadrantes também representam **dimensões da realidade** — aspectos concretos do mundo, que estão sempre presentes, em todos os momentos. Por exemplo: todos os indivíduos (inclusive os animais) possuem alguma forma de intencionalidade e experiência subjéctiva, ou *interiores*, assim como vários comportamentos observáveis e componentes fisiológicos, ou *exteriores*. Ademais, os indivíduos nunca estão sós — são membros de grupos e coletivos. Os aspectos interiores dos coletivos normalmente são chamados de realidades culturais intersubjéctivas, enquanto seus aspectos exteriores são denominados sistemas ecológicos e sociais, e se caracterizam pelas dinâmicas interobjectivas. Essas quatro dimensões são representadas por quatro pronomes básicos: “eu”, “nós”, “isso” e “issos”. Cada um deles representa um dos campos do modelo quadrante: “Eu” representa o Superior-Esquerdo (QSE), “Nós” representa o Inferior-Esquerdo (QIE), “Isso” representa o Superior-Direito (QSD), e “Issos” representa o Inferior-Direito (QID) (vide Figura 1).



Figura 1: Os quatro quadrantes

Como ambos os quadrantes do Lado Direito (QSD e QID) se caracterizam pela objetividade, também nos referimos aos quatro quadrantes como sendo as três esferas de valores: subjetividade (QSE), intersubjetividade (QIE) e objetividade (QSD e QID). Esses três campos da realidade são encontrados, em todos os principais idiomas, nos pronomes que representam as perspectivas de 1ª pessoa, 2ª pessoa e 3ª pessoa. Wilber também os chama de “**O Grande Trio**”: Eu, Nós e Isso(s). Outras caracterizações possíveis dessas três esferas são, por exemplo: estética, moral e ciência; ou consciência, cultura e natureza (vide Figura 2).

A teoria integral afirma que não se pode compreender qualquer uma dessas realidades (os quatro quadrantes, ou O Grande Trio) através da lente de outra. Observar as realidades psicológicas subjetivas através de uma lente empírica objetiva distorce muitos dos aspectos válidos dessas dinâmicas psíquicas. Na verdade, a **irreducibilidade dessas três esferas** é algo que foi reconhecido ao longo da história da filosofia ocidental, desde os conceitos platônicos de Belo, Bom e Verdadeiro; passando pelas famosas três críticas de Immanuel Kant sobre a razão pura, o juízo e a razão prática; e chegando às três pretensões de validade de Jürgen Habermas: verdade, correção e sinceridade (vide Figura 2). Wilber é um defensor ferrenho da necessidade de **evitar a redução** de qualquer uma dessas esferas a qualquer outra. Ele especificamente nos pede cautela contra aquilo que chama de “*terra plana*”: a tentativa de reduzir os interiores a seus correlatos exteriores (ou seja, reduzir as realidades subjetivas e intersubjetivas a seus aspectos objetivos). Isso é algo frequentemente visto nas abordagens sistêmicas do mundo natural, que representam a consciência através de loops de feedback — e no processo deixam de fora a textura e a sensação afetiva das experiências de 1ª e 2ª pessoa.

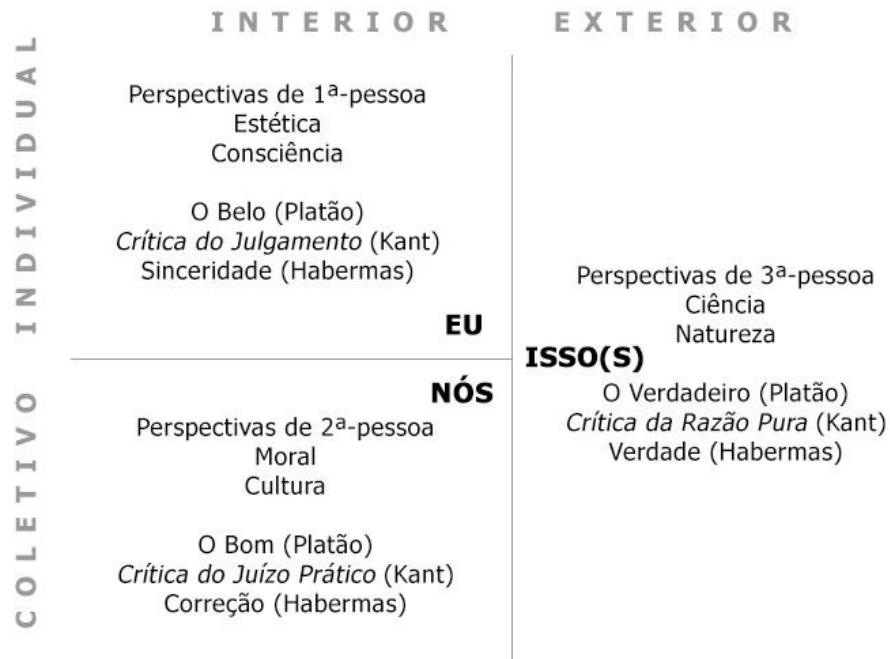


Figura 2: O Grande Trio

Uma das razões para a teoria integral ser algo tão útil e esclarecedor é que ela **abrange a complexidade da realidade** de uma forma que poucos outros sistemas ou modelos conseguem. Em contraste às abordagens que, explícita ou inadvertidamente, reduzem um quadrante a outro, a teoria integral entende os quadrantes como **simultaneamente surgidos**. A fim de ilustrar essa simultaneidade vou fornecer um simples exemplo, utilizando a Figura 1 como base. Digamos que eu decida comprar algumas flores para o meu jardim e tenha o pensamento “Preciso ir à floricultura”. O sistema integral demonstra que esse pensamento e a ação associada a ele (ou seja, dirigir até a loja de flores e comprar algumas rosas) possuem pelo menos quatro dimensões que não podem ser separadas, pois são co-emergentes (ou tetra-enlaçadas) e se embasam reciprocamente.

Em primeiro lugar, há o pensamento individual e a forma como eu o experiencio (calculando mentalmente a distância até a loja, sentindo alegria em estar no shopping, vivendo a ansiedade financeira de como pagar pela compra) — essas experiências são embasadas por estruturas psicológicas e sentimentos somáticos associados com o QSE. Ao mesmo tempo, tal pensamento é acompanhado por uma combinação única de atividade neuronal, química cerebral, estados corpóreos e qualquer comportamento que ocorra (colocar um casaco, entrar no carro) — esses aspectos estão ligados às várias atividades do nosso cérebro e ações do nosso corpo, ambas associadas ao QSD. Da mesma forma, existem sistemas ecológicos, econômicos, políticos e sociais que fornecem produtos à floricultura, determinam o preço das flores, etc. — esses sistemas se interconectam através de mercados globais, leis nacionais e ecologias, todos associados ao QID. E há também um contexto cultural que determina se eu associo “floricultura” a um mercado a céu aberto, um grande shopping center, ou uma barraquinha em um beco; e que, além disso, determina os vários significados e interações culturalmente apropriadas que ocorrem entre as pessoas na floricultura — esses aspectos culturais estão associados a visões de mundo no QIE.

Logo, para apreciar e compreender plenamente o pensamento “Vou à floricultura”, não podemos explicá-lo exclusivamente em termos de psicologia (QSE) ou neurobiologia e fisiologia (QSD) ou dinâmicas sociais e econômicas (QID) ou significado cultural (QIE). Para ter uma visão mais completa, conforme veremos, deve-se levar em consideração **todos esses domínios** (e seus respectivos níveis de complexidade).

Você pode estar se perguntando: mas será que isso é algo prático? Bem, se tentássemos resumir essa simples situação da floricultura deixando de fora uma ou mais perspectivas, algum aspecto fundamental da **totalidade integral** seria perdido — o que comprometeria nossa habilidade de compreendê-la e lidar com ela. Portanto, os quadrantes costumam ser o primeiro elemento utilizado pelos praticantes integrais ao analisar uma situação ou questão, e isso permite que tragam múltiplas perspectivas para a investigação ou exploração a ser feita.

Quadrantes e Quadrívia

Como mencionado anteriormente, há pelo menos duas maneiras de representar e utilizar os quatro quadrantes: como *dimensões* e como *perspectivas*. A primeira é uma abordagem *quadrática*, que retrata um indivíduo, situado no centro do modelo (vide Figura 3). As setas partem do indivíduo para apontar as várias realidades que ele pode conhecer devido à sua percepção corporificada. Ele é capaz de encontrar essas diferentes realidades, de maneira direta e cognoscível, tanto utilizando os vários aspectos de sua própria percepção quanto através de métodos formais baseados nessas dimensões perceptivas. Em suma, ele possui acesso direto a aspectos **experienciais, comportamentais, culturais e sociais** da realidade — pois essas são as dimensões concretas de sua própria existência. Isso é útil porque o capacita a notar, reconhecer e interagir de forma mais efetiva com seu mundo. Quanto maior for o número de “canais” abertos, maior será a quantidade de informação obtida acerca do que está acontecendo ao redor — e, conseqüentemente, mais oportunas e perspicazes serão as ações e sensações do indivíduo. Você, nesse exato momento, está se relacionando com todas as três perspectivas: percebendo seus pensamentos enquanto lê esse texto (1ª pessoa), lendo minhas palavras e interpretando o que eu estou tentando dizer (2ª pessoa) e notando as luzes, os sons e a temperatura ao seu redor (3ª pessoa). Viu como estamos sempre experienciando o mundo a partir de todos os quatro quadrantes, aqui e agora? É simples assim.

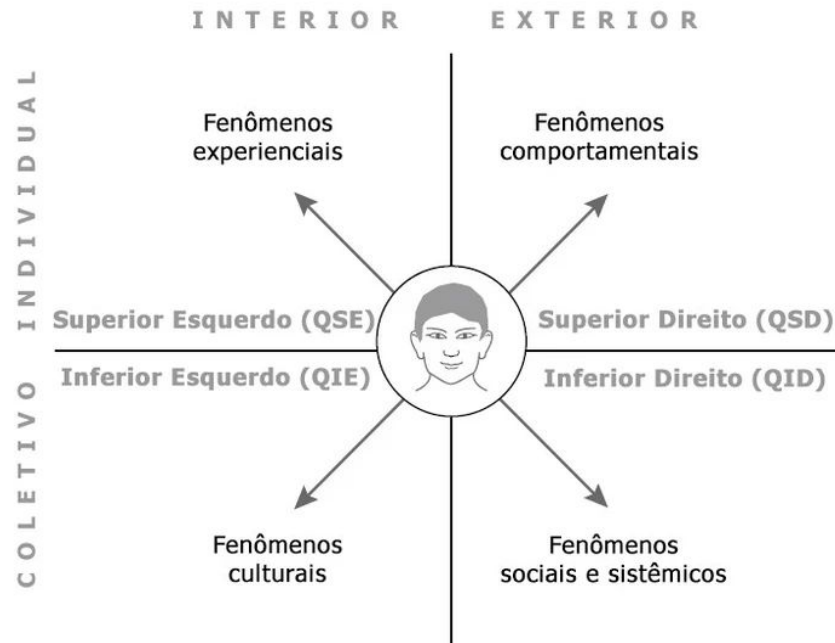


Figura 3: Os quatro quadrantes de um indivíduo

Outra maneira de representar o modelo quadrante é através de um *quadrívia*. Esse termo se refere a quatro **maneiras de olhar** (o singular seria *quadrívium*). Nessa abordagem, as diferentes perspectivas associadas a cada quadrante são direcionadas a uma realidade específica, que é colocada no centro do diagrama. Digamos que centenas de peixes estão morrendo em um lago. A morte deles se torna o foco, o objeto de investigação e análise, e as especialidades de cada um dos domínios quadráticos ajudará a avaliar a

situação. As setas apontando para o centro indicam as metodologias que os diferentes especialistas (cada um associado a um quadrante) utilizam para estudar o peixe que está morrendo. Em uma abordagem integral isso inclui: explorar as emoções, a auto-identidade e as crenças dos indivíduos que vivem perto do lago, através de pesquisas psicológicas e experienciais; observar os fatores empíricos, químicos e biológicos que contribuíram para a mortandade dos peixes, através de análises comportamentais e fisiológicas; descobrir os pontos de vista éticos, filosóficos e religiosos da comunidade ao redor do lago, através de investigações culturais de visões de mundo; e estudar os fatores ambientais, políticos, educacionais e legais da situação, através de avaliações ecológicas e sociais (vide Figura 4).

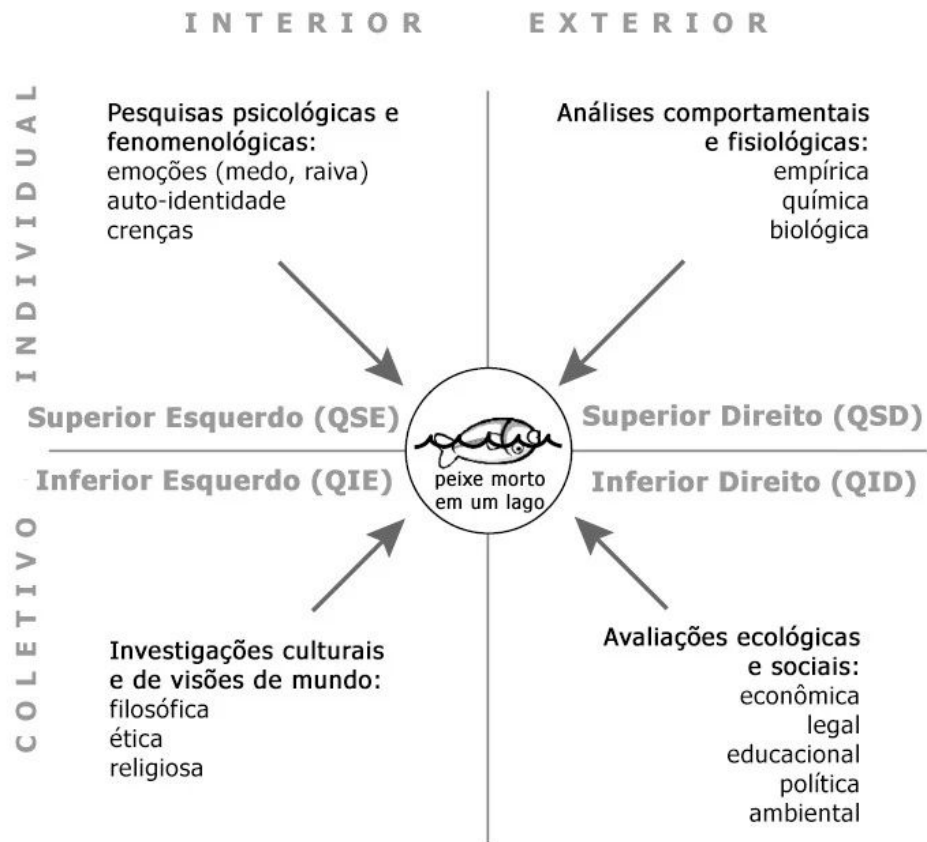


Figura 4: Os quatro quadrantes de um lago

Em resumo, os quadrantes sublinham as **quatro dimensões irreduzíveis** que todos os indivíduos possuem, e os quadrantes se referem às **quatro perspectivas fundamentais** que podemos ter sobre qualquer fenômeno. Em ambos os casos, os quatro domínios são conatos — literalmente, nascem juntos e estão mutuamente implícitos um no outro. Eles são co-emergentes e tetra-enlaçados. Essa compreensão é útil porque **honra a complexidade da realidade** de uma maneira que permite ao praticante lidar de forma habilidosa e sutil com seus problemas. Além disso, os quadrantes representam as maneiras inatas pelas quais experienciamos a realidade a cada momento; e os quadrantes representam as maneiras mais comuns pelas quais observamos e compreendemos a realidade.

TODOS OS NÍVEIS: Profundidade e complexidade

Dentro de cada quadrante existem níveis de desenvolvimento. Nos quadrantes interiores (Lado Esquerdo) existem níveis de *profundidade* e nos quadrantes exteriores (Lado Direito) existem níveis de *complexidade*. Esses níveis podem ser melhor compreendidos como **ondas de probabilidade**, representando a natureza dinâmica da realidade e as formas que as diferentes realidades assumem sob certas condições. Além disso, os níveis de cada quadrante se correlacionam aos níveis dos outros quadrantes. Por exemplo: um executivo ambicioso (QSE) que tenha pressão alta (QSD) será provavelmente encontrado em uma cultura ou

subcultura racional-científica (QIE), o que normalmente ocorre dentro de organizações corporativas industriais (QID). Nesse exemplo, todos os aspectos da situação estão ocorrendo no mesmo nível de complexidade e profundidade, dentro de seus respectivos quadrantes – o nível que na Figura 5 representamos com o número cinco. A inclusão dos níveis é importante porque eles nos permitem apreciar e nos conectar melhor às realidades associadas a cada quadrante. Se os quadrantes servem como mapas dos diferentes territórios da realidade, os níveis dentro deles representam os **contornos topográficos do terreno**. Isso nos ajuda a identificar as características únicas de qualquer paisagem específica, o que nos permite viajar de forma mais segura por ela – e desfrutar das incríveis vistas ao longo do percurso.

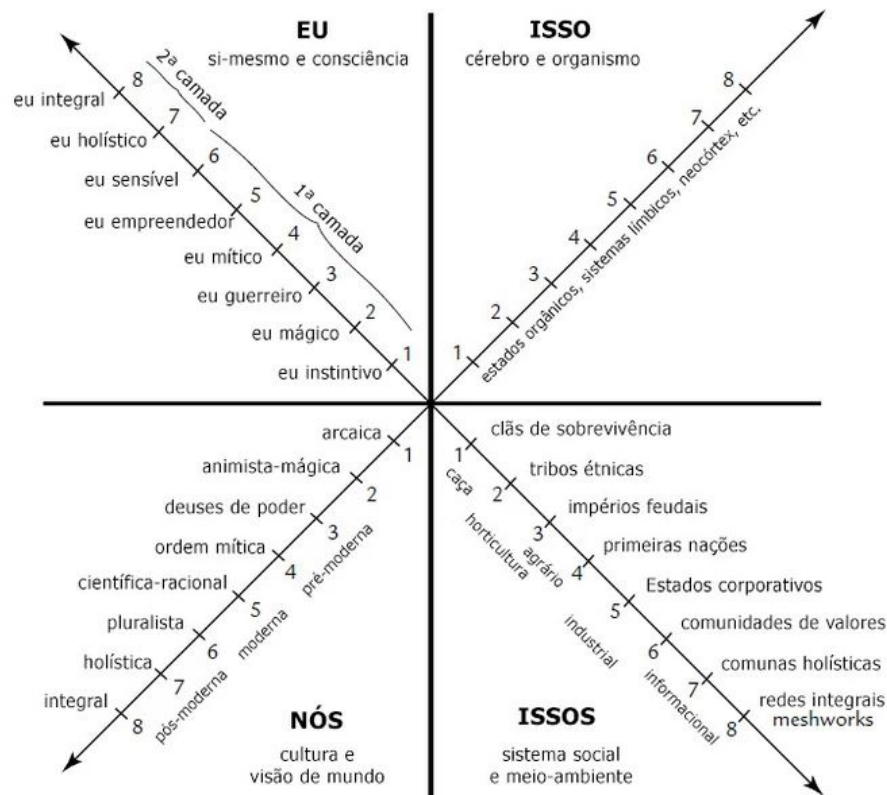


Figura 5: Alguns níveis nos quatro quadrantes

Os níveis ou *ondas* dentro de cada quadrante se apresentam em uma **holarquia**, que é uma espécie de hierarquia na qual cada nível subsequente transcende os limites do anterior, porém inclui seus aspectos essenciais. Portanto, cada onda herda a onda do passado e acrescenta um novo nível de organização ou capacidade. O resultado disso é que cada nível de complexidade ou profundidade é, **ao mesmo tempo**, uma parte de uma estrutura maior e um todo estrutural em si mesmo. No reino subjetivo, as sensações são transcendidas e incluídas nos impulsos, que são transcendidos e incluídos nas emoções, que são transcendidos e incluídos nos símbolos, que são transcendidos e incluídos nos conceitos. Da mesma forma, no reino intersubjetivo essa dinâmica ocorre de interpretações arcaicas a explicações mágicas, estórias míticas, visões racionais e compreensões integrais. No reino objetivo o movimento se dá de átomos a moléculas a células a tecidos a órgãos. No reino interobjetivo isso se passa no movimento de galáxias a planetas, ecossistemas, famílias e vilas (veja a Figura 5 para uma outra apresentação de elementos transcendidos e incluídos em cada quadrante). Independentemente de onde os diferentes pesquisadores escolham demarcar um nível do outro, existe um **padrão geral de evolução e desenvolvimento** ocorrendo em cada quadrante: a profundidade encapsula/envolve [enfolds] (ou seja, se dobra sobre si mesma), a complexidade aumenta (ou seja, se expande e inclui mais elementos).

Os níveis de desenvolvimento são frequentemente representados como setas dividindo cada quadrante (Fig. 5). A teoria integral utiliza a noção de **altitude geral** como uma maneira neutra de comparar e contrastar o desenvolvimento entre diferentes domínios em um ou mais quadrantes. É como usar um termômetro para checar a temperatura sob várias condições – um termômetro centígrado funciona igualmente bem no Equador e no Ártico, o que nos permite comparar de forma significativa a temperatura desses lugares distantes. A teoria integral utiliza as **cores do arco-íris** para representar cada nível distinto (por exemplo: vermelho, âmbar, laranja, verde, ciano, turquesa). Esse espectro de cores também representa o movimento geral de uma identidade em ampliação: de “eu” (egocêntrico) para “meu grupo” (etnocêntrico) para “meu país” (sociocêntrico) para “todos nós” (mundocêntrico) para “todos os seres” (planetocêntrico) para, finalmente, “toda a realidade” (Kosmocêntrico) (vide Figura 6) – uma trajetória geral de expansão perceptiva que possui correlatos em cada um dos quadrantes. A teoria integral também utiliza a imagem dos **círculos concêntricos** (frequentemente sobrepostos aos quadrantes) a fim de sublinhar o aspecto aninhado dos níveis, transcendendo e incluindo uns aos outros (vide Figura 6).

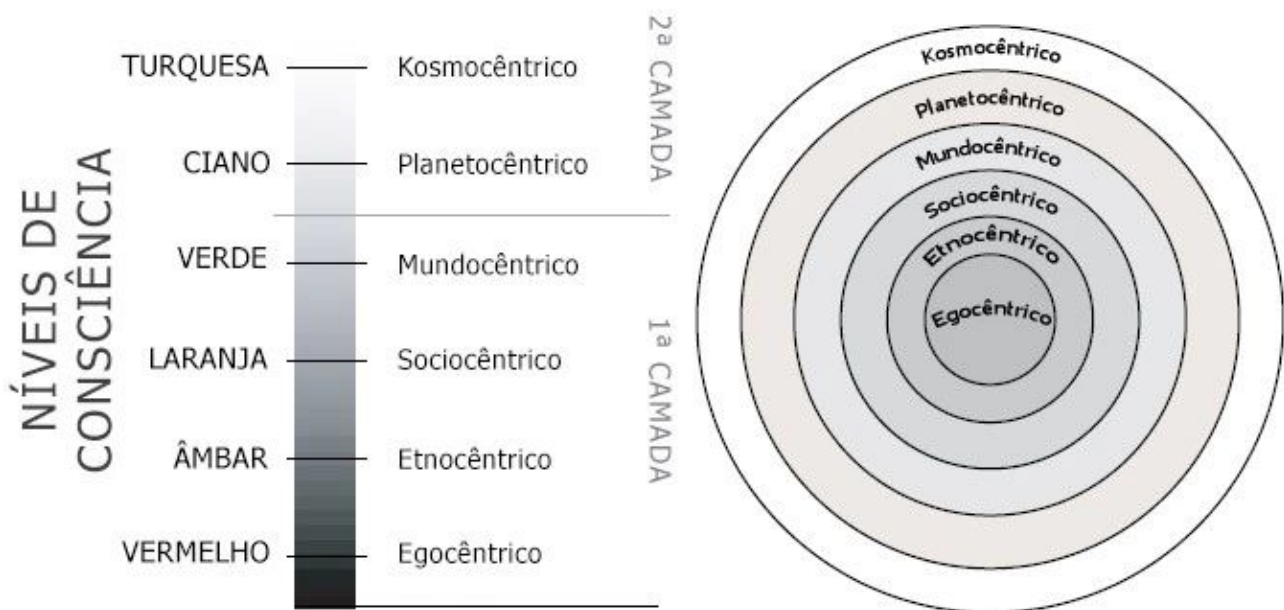


Figura 6: A ampliação da identidade (esq.) e o aspecto aninhado dos níveis se transcendendo e incluindo (dir.)

A inclusão dos níveis na abordagem integral é valiosa porque reconhece as diversas **camadas potenciais de desenvolvimento** dentro de qualquer domínio da realidade. Os praticantes adquirem um grande ímpeto ao direcionar seus esforços na escala apropriada e encontrar o ponto exato de alavanca – como um acupunturista tocando o ponto exato para levar seu paciente à saúde e ao bem-estar. Isso conserva os recursos e a energia dos praticantes, e lhes permite **focalizar seus esforços** de maneira ideal. Imagine, por exemplo, que você esteja trabalhando com um grupo de professores na criação de uma nova formulação da missão de seu programa educacional. Obviamente o trabalho com as realidades do QSE será essencial – articulando a visão coletiva e seu significado; explorando, através de diálogos, as várias frases que podem ser utilizadas no documento; e assim por diante. Mas se quiser ser mais eficaz como facilitador desse processo colaborativo, você precisa possuir uma noção dos **níveis de significado compartilhado** que estão em operação dentro desse grupo – e daquilo que se está tentando comunicar com a nova formulação. Por exemplo: os membros do grupo estão operando principalmente a partir de valores modernos, pós-modernos ou uma combinação de ambos? Saber isso será de grande valor informativo para sua capacidade de servir a esse esforço. Portanto, frequentemente não basta apenas ter consciência dos quadrantes – é preciso também lidar com a profundidade e a complexidade dentro de cada domínio.

Assim como podemos localizar cada quadrante dentro de nossa própria percepção, através da utilização das perspectivas de 1ª, 2ª e 3ª pessoa, também podemos localizar os níveis de profundidade e complexidade em **nossa experiência direta**. Para ilustrar isso, basta você notar como tende a passar os dias com uma quantidade previsível desses dois fatores. Em dias bons, você sente mais profundidade e consegue lidar com uma complexidade maior, e em outros dias pode ser que você se sinta completamente inábil (diminuição na capacidade de manejar complexidade) e se irrite com os menores detalhes (diminuição na capacidade de experienciar profundidade). Portanto, normalmente você passa o dia expressando principalmente uma altitude ou nível, embora possua uma sensação interna de como é “levar o jogo para outro nível” (um nível acima) ou “tropeçar a cada passo” (um nível abaixo).

TODAS AS LINHAS: As diversas capacidades em desenvolvimento

As linhas de desenvolvimento são uma forma de descrever as **capacidades distintas** que se desenvolvem, ao longo dos níveis, dentro de cada aspecto da realidade representado pelos quadrantes. Portanto, se os níveis são os contornos do mapa de uma caminhada pela realidade, as linhas representam as muitas **trilhas** que podemos utilizar para cruzar a imensidão do potencial humano. No quadrante de experiência interior-individual, por exemplo, essas linhas incluem as capacidades cognitiva, emocional, interpessoal e moral (embora não estejam limitadas a elas). Podemos pensar nessas capacidades como sendo as **inteligências múltiplas** que cada pessoa possui. A ideia básica é que cada um de nós é mais desenvolvido em certas áreas do que em outras. Para representar a variedade inimitável do desenvolvimento de uma pessoa ao longo de diversas linhas, a teoria integral utiliza o **psicográfico** (Figura 7).

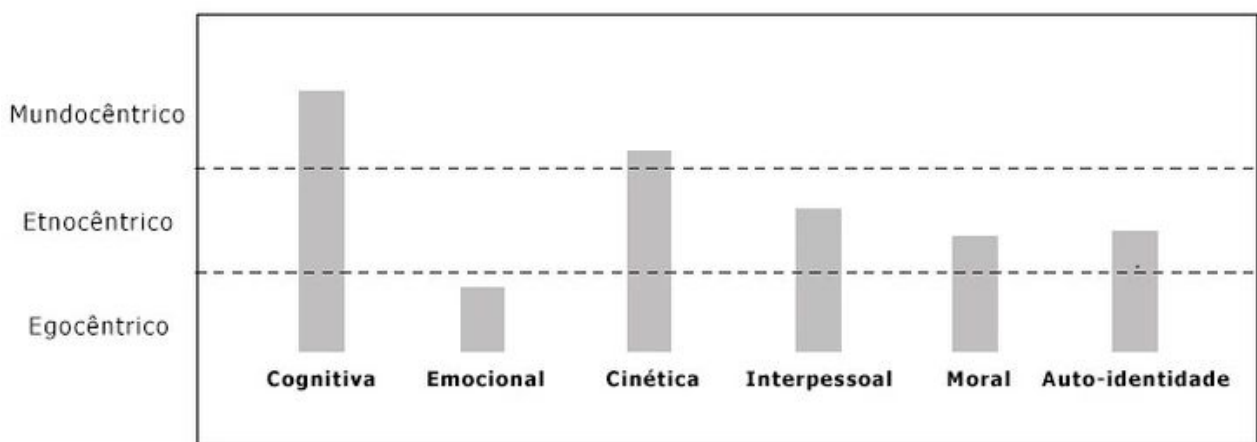


Figura 7: Um psicográfico

Igualmente, o **sociógrafo** é utilizado para representar as várias linhas de desenvolvimento dentro de uma família, um grupo, uma cultura ou uma sociedade (Figura 8). Os tipos de linha encontrados em culturas incluem coisas como capacidades cinéticas, maturidade interpessoal (ausência de escravos, direitos femininos, liberdades civis), expressão artística (formas musicais, apoio estatal às artes), capacidades cognitivas ou tecnológicas, longevidade física (sistemas de saúde, alimentação) e maturidade polifásica. *Polifásica* se refere ao acesso geral de uma cultura aos diferentes estados de consciência. Muitas culturas indígenas, por exemplo, incentivam o acesso e o cultivo desses outros estados, enquanto as sociedades racionais ocidentais tendem a enfatizar a consciência racional de vigília em detrimento de outros modos de experienciar a realidade. Um praticante integral é capaz de usar as linhas como uma ferramenta de diagnóstico para **assegurar** que esses aspectos individuais e grupais estejam sendo efetivamente **abordados** e levados em **consideração**.

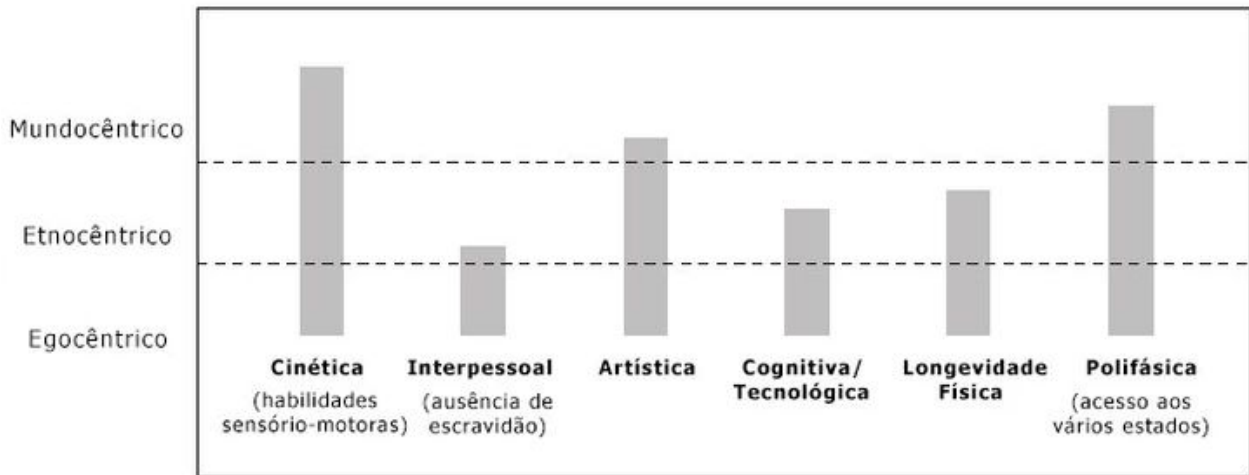


Figura 8: Um psicográfico

Toda linha em um quadrante possui **linhas correlatas** nos outros quadrantes. Conforme a linha cognitiva se desenvolve no QSE, por exemplo, ocorre um desenvolvimento correspondente de comportamento e neurofisiologia no QSD, de capacidades intersubjetivas no QIE e de estruturas gramaticais no QID. Há, na verdade, uma profusão de linhas em cada quadrante. Alguns parágrafos atrás, foram mencionadas algumas das linhas mais comuns associadas ao QSE. Já as linhas associadas ao QSD incluem os caminhos de desenvolvimento de coisas como: crescimento ósseo-muscular; padrões de ondas cerebrais; sistema neuronal; e outras estruturas orgânicas do corpo. No QIE podemos encontrar linhas como: a sequência de visões de mundo e valores culturais; diversas dinâmicas intersubjetivas; pontos de vista religiosos e filosóficos; e significados linguísticos. Por fim, no QID, as linhas específicas incluem: a forma de desenvolvimento dos ecossistemas; os caminhos evolucionários de adaptação; estruturas geopolíticas; e forças de produção (vide Figura 9).

O que diferencia uma linha de outros elementos (como estados e tipos) é que ela apresenta um desenvolvimento sequencial, com **níveis crescentes de complexidade e profundidade** que **transcendem e incluem** o nível imediatamente anterior. Em outras palavras, é preciso que haja uma série de estágios identificáveis que se desenvolvam em uma ordem específica e que não possam ser pulados. Dentro do QID, por exemplo, na linha de forças de produção, nós vemos um caminho social se iniciando com caça e coleta, dando lugar à horticultura (utilizando uma enxada), que por sua vez dá lugar aos métodos agrários (utilizando um arado), e assim por diante. Cada desenvolvimento depende do que veio antes e é, em parte, uma **resposta aos limites** do nível anterior.

	INTERIOR	EXTERIOR
INDIVIDUAL	Percepção cognitiva	Estruturas orgânicas
	Acesso emocional	Sistemas neuronais
	Habilidades interpessoais	Neurotransmissores
	Expressão psicosssexual	Padrões de ondas cerebrais
	Capacidade moral	Crescimento óseo-muscular
	Experiência espiritual	Suprimento nutricional
	Dinâmicas de auto-identidade	Capacidade cinética
	EU	ISSO
COLETIVO	NÓS	ISSOS
	Visões de mundo	Modos de produção
	Dinâmicas intersubjetivas	Estruturas geopolíticas
	Significado linguístico	Ecossistemas
	Valores culturais	Códigos legais compilados
	Contextos culturais de base	Estilos arquitetônicos
	Posicionamentos filosóficos	Sistemas gramáticos
	Entendimentos religiosos	Caminhos evolutivos

Figura 9: Algumas linhas em seus quadrantes

As linhas, em especial, demonstram como a teoria integral inclui as contribuições de vários campos existentes e os organiza de maneira útil. Além disso, elas são importantes para os praticantes integrais porque identificam **aspectos distintos**, dentro de cada quadrante, que apresentam desenvolvimento e evolução. Estando ciente das dinâmicas específicas de crescimento e da trajetória típica de tais transformações, um praticante pode sustentar e utilizar melhor esses **córregos de desenvolvimento**. Consequentemente, as avaliações integrais irão com frequência identificar quais linhas estão fortes e quais necessitam de atenção, usando as mais desenvolvidas como alavancas a fim de lidar com as limitações das menos desenvolvidas. O conhecimento sobre o nível de desenvolvimento das várias linhas oferece, aos praticantes integrais, informações valiosas sobre as realidades de uma situação qualquer – e os ajuda a alinhá-las rumo a uma melhoria considerável.

Assim como nos outros elementos do modelo AQAL, não precisamos ir longe para descobrir as linhas em nossa percepção imediata. Apenas procure se lembrar de algum momento recente no qual você tenha se sentido forçado ou **desafiado**, como por exemplo avaliando um colega de trabalho ou experimentando uma nova tarefa que demandava um alto nível de coordenação motora. Agora traga à mente uma área na qual você é frequentemente **mais capaz** do que os seus colegas, como, por exemplo, enxergar múltiplas perspectivas simultaneamente em uma situação complexa, ou ser capaz de se conectar emocionalmente com os seus amigos e descrever (melhor do que eles próprios) o que estão sentindo. Buscar exemplos pessoais de áreas nas quais possuímos um maior ou menor desenvolvimento do que as pessoas ao redor mostra que todos temos uma **combinação única** de linhas nos mais variados níveis de desenvolvimento. Na verdade, é raro que passemos sequer um dia sem nos lembrarmos disso – dentro de nós mesmos e em nossas interações com os outros. Além disso, se todos fossem iguais, em profundidade e complexidade, na maioria das áreas, a vida seria muito menos interessante.

TODOS OS ESTADOS: As expressões temporárias

Além de níveis e linhas, existem também diversos tipos de estados associados a cada quadrante: são **ocorrências temporárias** de aspectos da realidade (durando desde alguns segundos até dias – e, em

alguns casos, meses ou anos) que tendem a ser **incompatíveis entre si**. Não é possível, por exemplo, estar bêbado e sóbrio ao mesmo tempo; uma cidade não pode passar por uma nevasca e por uma onda de calor no mesmo dia. Listados abaixo estão alguns exemplos dos tipos de estados associados a cada quadrante (Figura 10). Seguindo nossa metáfora da caminhada, eles podem ser comparados a vislumbres **momentâneos** da natureza, que vemos enquanto andamos pela trilha. Pode ser que uma vista estonteante fique “pipocando” entre as árvores ao longo do passeio, ou talvez um pássaro chame sua atenção ao fazer um som inconfundível – e, em seguida, desapareça. Essas experiências chamativas retrocedem ao pano de fundo, como relâmpagos, e então você está outra vez levantando poeira com os pés ao longo da mesma caminhada.



Figura 10: Alguns estados em seus quadrantes

No QSE existem **estados fenomênicos** tais como estados emocionais elevados e deprimidos, insights, intuições e estados sentidos momento-a-momento. Há também os **estados naturais** de vigília, sonho e sono profundo, a Testemunha (a consciência pura observando todos os outros estados) e até mesmo a não-dualidade, onde a Testemunha se dissolve em tudo aquilo que é testemunhado. Várias tradições religiosas nos oferecem descrições ricas e sofisticadas desses estados. Além disso, existem **estados alterados de consciência**, que podem ser induzidos externamente (através de drogas, traumas ou experiências-de-quase-morte) ou internamente (meditativos, holotrópicos, estado de fluxo, sonhos lúcidos, experiências de pico). Quando treinados, eles se desenvolvem e até mesmo se estabilizam em um padrão sequencial, indo das formas de experiências grosseiras às sutis, chegando até as muito sutis – e nesse caso são chamados de **estágios-estado**, para diferenciá-los dos **estágios-estrutura** do desenvolvimento psicológico (discutidos anteriormente nas seções sobre níveis e linhas). Tanto os estados quanto as estruturas da consciência podem ocorrer em estágios, com os estágios-estado se expandindo horizontalmente e os estágios-estrutura crescendo verticalmente.

No QSD existem **estados cerebrais** (alpha, beta, teta e delta) e **estados hormonais** associados aos ciclos de estrogênio, progesterona e testosterona. Há também os **estados comportamentais**, tais como chorar ou sorrir. Na verdade, os estados são frequentemente utilizados para descrever a maneira como os fenômenos naturais se transformam (gelo, água e vapor são os nomes dados aos estados sólido, líquido e gasoso do elemento H₂O).

No QIE podemos encontrar **estados grupais** tais como a mentalidade de rebanho, a histeria em massa, a excitação coletiva e o pensamento grupal. Há também **estados intersubjetivos** como, por exemplo, os estados somáticos que ocorrem entre bebês e suas mães, ou a ressonância mútua entre duas pessoas em sintonia em um diálogo. E assim como há estados alterados em indivíduos, há **estados religiosos** em grupos (êxtase e graça compartilhados ou uma experiência comunitária do divino).

No QID existem **estados climáticos** (ondas de calor, nevascas, tempestades e alterações na temperatura dos ambientes internos). Nossos mercados financeiros passam por diversos **estados econômicos** tais como tendências altistas e baixistas, bolhas, recessões e assim por diante. Também é comum falar de florestas antigas como representando comunidades-clímax em um estado de equilíbrio estável – uma noção que ilustra os diversos **estados ecológicos** como entropia (aumento na desordem) ou eutopia (boa nutrição).

É muito útil, para os praticantes, incluir os estados – pois tanto nossas realidades internas quanto externas estão **sempre mudando**. Vários tipos de mudança de estado ocorrem, dentro de nós e ao nosso redor, ao longo do dia. Os estados nos ajudam a compreender as muitas formas e motivos dessas mudanças. Isso nos permite estar atento a tais transições e utilizá-las **a favor** de nossos esforços, ao invés de sair do eixo cada vez que elas ocorrem. Por exemplo: quando temos consciência dos muitos estados pelos quais um grupo de pessoas passa ao longo de um treinamento de um dia inteiro, podemos construir um currículo para honrar esses “humores” transientes e até mesmo utilizá-los para auxiliar o aprendizado.

Para localizar esses elementos em nossa percepção direta, temos apenas que notar a **grande quantidade** de diferentes emoções que vivenciamos em um curto período de tempo. A maioria de nós sabe o quão rapidamente pode ir de uma sensação de “estar nas nuvens”, devido a uma boa notícia, para uma frustração, por ter sido fechado por outro carro no meio da avenida, para uma certa ansiedade, por ter que falar diante de um grupo no trabalho, para ficar com fome e tentar decidir o que vai comer no jantar... E tudo isso em menos de **cinco minutos!**

TODOS OS TIPOS: Os vários padrões

Os tipos são os **vários estilos consistentes** que surgem nos diversos campos e ocorrem independentemente dos níveis de desenvolvimento. Eles possuem fronteiras maleáveis e podem ser incongruentes. Utilizando outra vez a metáfora da caminhada, podemos pensar os tipos como sendo os **diferentes jeitos** dos caminhantes — há aqueles que gostam de seguir rapidamente, os que ficam perambulando, os que tiram um monte de fotos, os que gostam de cantar, e por aí vai. Essas pessoas tendem a caminhar assim não importa o tipo de trilha em que estejam ou o terreno sob seus pés; onde quer que caminhem, elas trazem consigo seu estilo único. Assim como os outros elementos, os tipos se expressam em todos os quatro quadrantes.



Figura 11: Alguns tipos em seus quadrantes

No QSE existem os *tipos de personalidade*. Há inúmeros sistemas que mapeiam o número de personalidades diferentes, incluindo o Keirsey (4 tipos), o Eneagrama (9 tipos) e o Myer-Briggs (16 tipos). Ainda nesse quadrante, temos também os *tipos de gênero*, que incluem masculino e feminino. Em geral, todos os indivíduos possuem acesso a qualidades masculinas e femininas e, portanto, tendem a apresentar uma combinação única dos traços associados a cada tipo. No QSD há os *tipos sanguíneos* (A, B, AB, O) e os conhecidos *tipos corporais* de William Sheldon (ectomorfo, endomorfo, mesomorfo). No QID podemos encontrar tipos ecológicos (*tipos de bioma*: desertos, florestas tropicais, ilhas) e tipos governamentais (*tipos de regime*: comunismo, democracia, ditadura, monarquia, república). No QIE existem os tipos de *sistemas religiosos* (monoteísmo, politeísmo, panteísmo) e os diferentes tipos de *sistemas de parentesco* (esquimó, havaiano, Iroquois, Omaha, sudanês).

A utilidade dos tipos tem sido reconhecida em **diversos contextos** — como, por exemplo, na construção de dietas nutricionais ou de equipes de trabalho eficazes. Ter consciência dos tipos permite que os praticantes integrais ajustem seus respectivos ofícios para acomodar alguns dos estilos mais comuns e consistentes associados aos vários contextos. Os tipos são **padrões muito estáveis e maleáveis** — afinal, eles são estruturas horizontais ou *estruturas-tipo* (em contraste às estruturas-estágio verticais). Portanto, ao nos tornarmos mais conscientes deles e do papel que desempenham no que quer que estejamos tentando fazer, somos capazes de injetar **mais sustentabilidade** em nossos esforços ao vinculá-los a **padrões existentes e duradouros**.

Dentro de nossa própria percepção, os tipos se mostram mais obviamente quando consideramos as expressões masculinas e femininas. Nós todos temos acesso a ambas e sabemos como é sentir-se firme e autônomo — por exemplo: batalhando pela vitória (um aspecto masculino) ou curtindo o jogo pelo jogo (um aspecto feminino). Inclusive, somos capazes de transitar entre esses dois estilos, embora alguns de nós se identifiquem mais com um lado desse espectro. Você provavelmente consegue pensar em homens e mulheres que considera serem mais masculinos ou mais femininos, e em como é a sensação de estar perto deles — você se nota mais masculino ou feminino, como forma de falar a mesma língua ou então de contrastar com o tipo deles? Ainda uma outra área onde temos uma experiência direta dos tipos é em

termos de características da personalidade, como introversão e extroversão. Portanto, frequentemente estamos conscientes das **dinâmicas dos tipos** em nossa experiência conosco mesmo e com os outros.

TODAS AS ZONAS: As diferentes formas de conhecimento

Além dos cinco elementos da teoria integral, que abrangem os fundamentos básicos do modelo AQAL, é importante mencionar também um outro aspecto, mais avançado — que não é exatamente um elemento em si, mas sim um desdobramento do primeiro elemento (os quadrantes). Cada uma das perspectivas associadas aos quatro quadrantes pode ser estudada através de duas principais famílias metodológicas: a partir de dentro (em uma perspectiva de 1ª pessoa) ou de fora (em uma perspectiva de 3ª pessoa). Isso resulta em **oito zonas distintas de investigação e pesquisa humana**. Essas oito zonas formam aquilo que a teoria integral chama de *pluralismo metodológico integral* (PMI) [IMP, em inglês] que inclui abordagens como fenomenologia (a exploração das realidades subjetivas de 1ª pessoa), etnometodologia (a exploração das realidades intersubjetivas de 2ª pessoa) e empirismo (a exploração das realidades empíricas de 3ª pessoa). A Figura 12 mostra todas as oito zonas e seus respectivos rótulos. O PMI representa uma das formulações teóricas mais pragmáticas e inclusivas de qualquer abordagem integral ou meta-teórica, e fornece ao praticante integral a certeza de estar utilizando **métodos verdadeiros e validados**, que foram produzidos pela inventividade humana ao longo dos últimos **dois mil anos**.

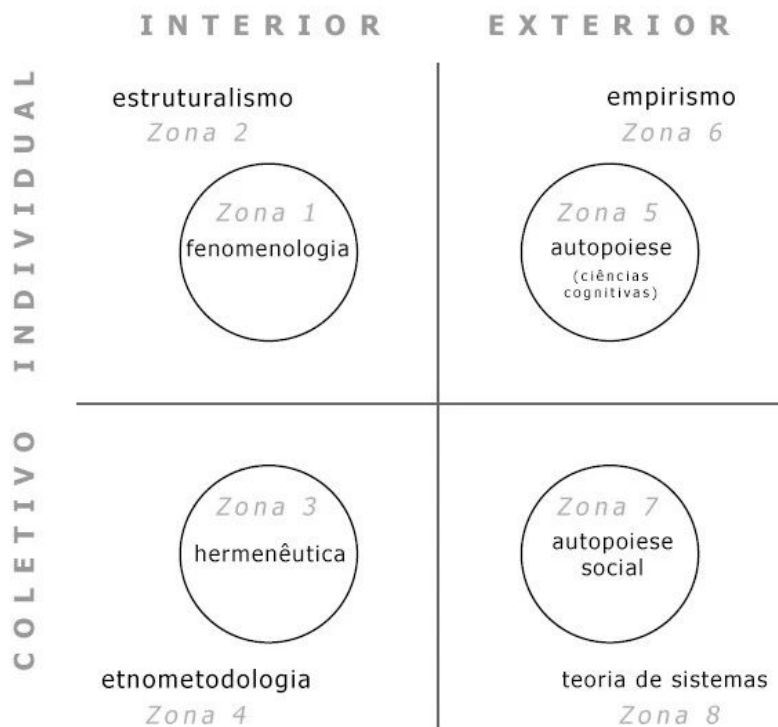


Figura 12: As oito zonas metodológicas

O pluralismo metodológico integral opera de acordo com **três princípios**: *inclusão* (consultar imparcialmente múltiplos métodos e perspectivas), *encapsulamento* (priorizar a importância das descobertas geradas por essas perspectivas) e *percepção* (reconhecer que os fenômenos são revelados aos sujeitos através do ato de percebê-los). Como resultado desses compromissos, a teoria integral enfatiza a qualidade dinâmica das realidades como sendo percebidas por **um sujeito** utilizando **um método específico** para estudar **um objeto**. O objeto pode ser uma realidade de 1ª, 2ª ou 3ª pessoa. Nós podemos, por exemplo, ter igualmente como objeto de investigação e estudo tanto as realidades psicológicas de 1ª pessoa quanto as realidades biológicas de 3ª pessoa.

Como a teoria integral reconhece e inclui todas as principais descobertas das formas válidas de pesquisa, ela enfatiza a importância de incluir **todas as zonas**, como parte de seu esforço em compreender qualquer

coisa de maneira abrangente. O PMI é utilizado como uma forma de regular, coordenar e avaliar as perspectivas pertinentes e suas respectivas descobertas. Voltando à nossa caminhada integral, o PMI nos fornece múltiplas **formas de interagir e conhecer** o cenário através do qual nos deslocamos. A bússola, os binóculos, o livro de plantas comestíveis, as meditações matinais e os encontros com animais silvestres oferecem diferentes modos para conhecer o mundo selvagem de maneira significativa e válida para nós, caminhantes e amantes da natureza.

Dentre as muitas perspectivas importantes sobre a realidade, existem escolas de pensamento que **se especializam** em utilizar os métodos, práticas e técnicas associados a cada zona. Consequentemente, além dos cinco elementos apresentados acima, uma abordagem integral deve incluir todas as oito zonas — ou então correr o risco de excluir importantes aspectos da realidade, que possuem algo a oferecer para a **solução eficaz** dos problemas encontrados em nossas comunidades e nosso planeta. Em outras palavras, quanto mais da realidade nós reconhecermos e incluirmos, mais sustentáveis serão nossas soluções, justamente porque o projeto responderá mais efetivamente à complexidade daquela realidade. Não podemos esperar obter resultados abrangentes e sustentáveis se estivermos excluindo grande parte das principais dimensões da realidade. De qualquer forma, conforme o projeto tropece em suas próprias limitações, essas realidades excluídas exigirão ser reconhecidas e incorporadas, rumo a estratégias mais sutis e abrangentes. Por isso uma abordagem integral se faz necessária.

Um praticante integral constantemente **combina** métodos, práticas e técnicas de 1ª, 2ª e 3ª pessoa, em um esforço para pesquisar os diversos aspectos essenciais de uma situação qualquer. Através dessa pesquisa integral, seja ela por meios formais ou informais, o praticante está utilizando o pluralismo metodológico integral. Esse tipo de orientação com métodos mistos é extremamente valioso porque, frequentemente, permite que os praticantes descubram **relações surpreendentes** entre realidades de 1ª, 2ª e 3ª pessoa — relações que eventualmente se tornam conexões essenciais em seus projetos e soluções. Através do PMI, os praticantes integrais se tornam capazes de **identificar conexões valiosas**, entre realidades distintas, que ainda não haviam sido notadas ou utilizadas em esforços prévios. Assim, equipados com as oito principais formas de aquisição de conhecimento desenvolvidas pela humanidade, o praticante integral está em posição ideal para conhecer a complexidade e a profundidade da realidade — e também para colocar essas descobertas em ação a serviço de si, da cultura e da natureza. O motivo pelo qual um praticante integral consegue usar essa **grande diversidade** de métodos formais é, antes de mais nada, porque ele está ativamente comprometido em utilizar todos esses métodos, informalmente, em sua própria percepção corporificada. Na verdade, cada uma das principais famílias metodológicas (empirismo ou hermenêutica, por exemplo) é simplesmente uma versão formalizada de algo que fazemos naturalmente o tempo inteiro. Por exemplo: nossa habilidade de adotar uma perspectiva de 3ª pessoa em relação ao mundo ao redor (olhar as flores crescendo ao longo da calçada) é a base para o empirismo, e nossa habilidade de adotar uma perspectiva de 2ª pessoa com nossos amigos (dizendo a eles porque achamos que devem pedir demissão) é a base para a hermenêutica.

Consequentemente, as oito zonas do PMI são apenas **lembretes** das muitas maneiras de conhecermos a nós mesmos, aos outros e ao mundo ao nosso redor. O sistema integral nos permite **coordenar** essas múltiplas formas de conhecimento e colocá-las em ação no mundo de forma orquestrada.

A Teoria Integral em Ação

Como você pode ver agora, uma abordagem de todos os quadrantes, todos os níveis, todas as linhas, todos os estados, todos os tipos e todas as zonas é bastante abrangente. Claro, você não precisa usar todas essas distinções o tempo todo. De fato, mesmo usando dois desses elementos podem tornar sua abordagem de análise ou construção de soluções mais integral do que muitas outras. No entanto, ter todos as cinco em sua "caixa de ferramentas" permite que você tenha mais capacidade de responder à complexidade de nosso mundo e fornece um lugar para incluir os aspectos essenciais de qualquer situação.

Além disso, nos ajuda a entender as relações entre as várias facetas da realidade que encontramos. Na verdade, isso é o que diferencia a Teoria Integral de todas as outras abordagens integrativas e abrangentes no que concerne a geração de soluções e facilitação de mudança. Atualmente, não há meta-estruturas tão inclusivas e teoricamente sólidas quanto a Teoria Integral, que é o que a tornou uma abordagem tão útil em muitos contextos. O modelo AQAL é uma estrutura dinâmica que faz mais do que apenas cobrir os elementos básicos da realidade - inter-relaciona-os de uma maneira que nos assegure de que estamos aproveitando nossos esforços de maneira funcional, estética, precisa e justa. Em outras palavras, uma abordagem integral permite soluções verdadeiras, boas e belas para os principais problemas que enfrentamos enquanto viajamos pelo século 21.

Na verdade, o modelo AQAL é multi-variante e pode ser entendido de várias maneiras. AQAL é um mapa porque é uma série de símbolos e abstrações de terceira pessoa que podem guiar uma pessoa através dos contornos sua própria consciência, bem como através de alguns dos aspectos mais importantes de qualquer situação. É um quadro porque cria um espaço mental onde se pode organizar e indexar as atividades atuais e de outras pessoas de uma maneira clara e coerente. É uma teoria porque oferece uma explicação de como as metodologias mais testadas ao longo do tempo e os dados que elas geram podem se encaixar. É uma prática porque não é apenas uma teoria sobre inclusão mas uma série real de práticas de inclusão. Envolve o meta-paradigma de correlacionar a maioria das metodologias fundamentais de geração de conhecimento. AQAL também pode ser praticado em um ambiente mais pessoal, que resulta no que é chamado de prática de vida integral (ILP). É um conjunto de perspectivas porque reúne perspectivas de primeira, segunda e terceira pessoa. É um catalisador porque analisa psicoativamente toda a sua mente corpórea e ativa ou “ilumina” qualquer potencial (quadrante, nível, linha, estado ou tipo) que atualmente não está plenamente sendo usado. Por fim, é uma matriz porque combina todos os quadrantes, níveis, linhas, estados e tipos de uma maneira que gera um espaço de potencial a partir do qual mais da realidade pode se manifestar e ser explicado do que qualquer outro modelo já incluiu. Em suma, o modelo AQAL pode ser resumido como um mapa de realidade de terceira pessoa, uma estrutura de segunda pessoa para trabalhar dentro e entre disciplinas e uma prática em primeira pessoa para engajar o desenvolvimento de nossa própria consciência corporificada. Todos esses três aspectos do modelo AQAL - mapa, estrutura e prática - contribui para uma maior experiência de intimidade com a realidade, expandindo e aprofundando nosso contato com mais dimensões de nós mesmos, nossas comunidades e nossos ambientes.

Agora que você tem uma visão geral do modelo AQAL, posso destacar como essas abordagens estão usando princípios integrais com sucesso no campo: na sala de aula, na sala de reuniões, na arena política, e em escritórios. Além dos usos disciplinares do modelo AQAL (por exemplo, ecologia integral ou coaching integral), também houve esforços sistemáticos para avançar a Teoria Integral como um campo específico de meta-estudos. Atualmente são quatro os principais esforços que contribuem para esse objetivo: 1) o *Journal of Integral Theory and Practice*, revisado por pares; que publicou mais de 100 artigos acadêmicos e estudos de caso até o momento; 2) Departamento de Teoria Integral da Universidade John F. Kennedy, com o seu programa de mestrado on-line de artes e um certificado de um ano em Teoria Integral (este programa está fazendo muito para treinar a próxima onda de liderança integral na aplicação do modelo AQAL); 3) o Centro de Pesquisa Integral, que está apoiando a pesquisa de métodos mistos em nível de pós-graduação em todo o mundo que é informado pela Teoria Integral; e 4) a Conferência Internacional de Teoria Integral, que recentemente reuniu 500 acadêmicos e profissionais de todo o mundo que estão aplicando e refinando a Teoria Integral. Este esforço sistêmico é importante porque permite que os profissionais específicos da disciplina (por exemplo, psicoterapeutas integrais ou educadores integrais) saibam que o modelo é sadio, que educa os praticantes integrais para entender o modelo como um todo (independente de qualquer aplicação específica da disciplina), e cria uma comunidade de discurso e investigação para promover o desenvolvimento do modelo de uma forma que facilite o pensamento crítico e demonstre eficácia prática.

Nos últimos anos, vários livros foram publicados aplicando a Teoria Integral a várias áreas, tais como desenho urbano (*Integral City* de Marilyn Hamilton), avaliação psicológica (*The Integral Intake* de Andre

Marquis), dinâmica organizacional (Transformação Organizacional de Mark Edward para a Sustentabilidade), saúde (*Integral Health* de Elliott Dacher), ecologia e estudos ambientais (*Integral Ecology*, meu e de Michael Zimmerman), psicofarmacologia (*Psychopharmacology for Helping Professionals* de Elliott Ingersoll de Carl Rank), negócios (*Competitive Business, Caring Business* de Daryl Paulson), e comunidade internacional de desenvolvimento (*Developing Sustainability, Developing the Self* de Gail Hochachka).⁸ Até hoje, os campos que produziram a maior quantidade de material teórico e aplicado usando a Teoria Integral incluem psicologia e psicoterapia, educação, pesquisa de métodos mistos, ecologia e sustentabilidade, desenvolvimento internacional, estudos futuros, negócios e gestão organizacional. A seguir estão as descrições breves de uma série de exemplos da Teoria Integral em ação.

Educação Integral

O Centro de Investigação Integral (IRC) está no processo de concepção e lançamento de um ambicioso estudo utilizando métodos de todas as oito zonas de pluralismo metodológico integral para avaliar os efeitos da educação integral na Universidade John F. Kennedy. O IRC está trabalhando com Theo Dawson da *Developmental Testing Service* e Susanne Cook-Greuter da *Cook-Greuter and Associates* para ajudar no design da pesquisa, que inclui o *Lectical Assessment System* (LAS) e o *Sentence Completion Test* (SCT). O objetivo do estudo é descobrir de que maneira os alunos se transformam no programa de mestrado on-line de artes em Teoria Integral? "Eles, ao longo de três anos de curso, demonstram o desenvolvimento vertical do estágio (por exemplo, saindo de um nível e começando a estabilizar o próximo) e / ou desenvolvimento horizontal (por exemplo, acesso ao conteúdo emocional). Em caso afirmativo, quais aspectos estão se desenvolvendo? Os resultados deste estudo em andamento serão utilizados para melhorar o potencial de desenvolvimento do currículo, tornando-o ainda mais propício para o transformação e crescimento.

Desenvolvimento Internacional Integral

O Instituto Canadense de Vida Sustentável (*One Sky*), em parceria com o Centro de Ação Integral (Drishti), recentemente recebeu um prêmio de quinhentos mil dólares, da Agência Canadense de Desenvolvimento Internacional, para concretizar um projeto de desenvolvimento de liderança, com duração de três anos, intitulado "Aplicações integrais de sustentabilidade no delta do Rio Níger". A partir de trabalhos anteriores realizados na Nigéria, o *One Sky* havia percebido o valor de intervenções baseadas nos quadrantes do Lado Direito, focadas em "desenvolvimento, gerenciamento financeiro, melhoria nas comunicações e influência na criação de políticas". Porém, mesmo reconhecendo o papel fundamental desempenhado por tais esforços, tornou-se cada vez mais claro que eles não se sustentariam sem o suporte de intervenções nos quadrantes do Lado Esquerdo, focadas em "liderança pessoal, autoconsciência, inteligência moral e habilidades interpessoais". Por isso, o projeto irá trabalhar questões de sustentabilidade ambiental e econômica com trinta jovens nigerianos oriundos de uma dúzia de diferentes organizações da região do Rio Cruz. "O projeto envolve, essencialmente, ativar um processo de desenvolvimento pessoal (Eu), sustentado por comunidades de aprendizado e um novo discurso social (Nós) e efetivado por iniciativas inovadoras em suas organizações domésticas (Isso/Issos)." Além disso, o programa será avaliado através de testes baseados nos princípios da pesquisa integral.

Engenharia Florestal Integral

A *Next Step Integral*, uma organização internacional sem fins lucrativos, foi criada em 2003 por Stephan Martineau. Pouco depois ele uniu forças com Lisa Farr, diretora de uma associação hídrica local, para dar início à árdua tarefa de estabelecer uma abordagem integral para um projeto florestal comunitário no Slokan Valley, em British Columbia, no Canadá. Esse objetivo era particularmente assustador devido às históricas tensões, cultivadas ao longo de mais de três décadas, entre diversas visões de mundo dentro e fora da comunidade (madeireiros, mineiros, fazendeiros, ambientalistas, indígenas, artistas, praticantes de várias religiões, funcionários públicos e uma corporação multinacional). O governo local já havia falhado nove

vezes na tentativa de estabelecer uma solução viável para a divisão da comunidade entre os diferentes interessados na floresta.

Os princípios integrais que serviram de guia ao projeto de Martineau e Farr incluíam: reconhecer e honrar as diversas perspectivas que os moradores do Slocan Valley possuíam acerca da floresta; reconhecer que tais perspectivas eram embasadas por lentes associadas a cada um dos quadrantes (comportamental, cultural, psicológico, histórico); e reconhecer que qualquer solução viável a longo prazo precisaria integrar as várias visões conflitantes dentro da comunidade. Além disso, Martineau identificou diversas “capacidades centrais”, explicitamente embasadas no modelo AQAL, que utilizou implicitamente para dar suporte à iniciativa: sustentar e habitar múltiplas perspectivas; ter consciência das múltiplas linhas dos indivíduos e habilidade para lidar com elas; estar comprometido com o crescimento pessoal e com o trabalho com a sombra psicológica; criar motivações compartilhadas; equilibrar a empatia, o engajamento e a imparcialidade; e cultivar as qualidades, atitudes e capacidades que apoiam a compreensão mútua.

No dia 14 de janeiro de 2007 a *Next Step Integral* propôs ao governo um acordo florestal comunitário que permitiria à comunidade local gerir quatorze mil hectares de área contestada — e em julho daquele mesmo ano a proposta foi aprovada! Três anos de negociações e trabalho de base guiados pelo modelo AQAL resultaram na criação de uma cooperativa florestal integral de grande escala — a primeira do mundo. Esse projeto florestal comunitário possui a impressionante aprovação de 95% dos habitantes locais. Com o sugestivo nome de Cooperativa Florestal Integral Slocan (SIFCo), esse projeto é um verdadeiro testemunho do poder do modelo integral (mesmo guiando apenas implicitamente) em trabalhar com diversas perspectivas para alcançar um objetivo em comum que outras abordagens não conseguem. Agora que a SIFCo recebeu a propriedade da terra, os próximos anos serão um campo de teste importante e uma fonte de clarificação sobre os princípios de engenharia florestal integral e de ecologia integral.

Coaching Integral

O Integral Coaching Canada (ICC), uma companhia situada em Ottawa, desenvolveu toda uma escola e uma metodologia de coaching profissional baseando-se no modelo AQAL. Ao longo dos últimos dez anos, o ICC firmou-se como uma das melhores escolas de coaching profissional do mundo. Eles possuem uma metodologia rigorosa que combina a capacidade corporificada de adotar perspectivas, a presença e algumas poderosas distinções conceituais. Os coaches utilizam todos os cinco elementos discutidos anteriormente para sustentar seu próprio crescimento pessoal e trabalhar com o desenvolvimento de seu cliente — e o processo de certificação para se tornar um Coach Integral® normalmente leva no mínimo dois anos. O ICC possui a reputação de exigir muito de seus alunos, cujo treinamento inclui o comprometimento com uma prática de vida integral que inclua meditação, leitura, exercícios físicos e manter um diário. Que eu saiba, eles são a única escola de coaching que incorpora, como espinha dorsal de sua metodologia, a psicologia do desenvolvimento (a teoria sujeito-objeto, de Robert Kegan, por exemplo). Só isso já dá ao ICC uma grande vantagem em relação a outras escolas, pois sua abordagem é construída a partir de extensas pesquisas psicológicas sobre como e por que os seres humanos se desenvolvem e integram novas capacidades. Na verdade, a forma como o ICC aplica o sistema integral é um dos usos mais sofisticados desses princípios (senão o mais sofisticado), em qualquer campo ou contexto.

Política Integral

O *State of the World Forum* (SOWF) foi estabelecido em 1995 por Jim Garrison e Mikhail Gorbachev, e começou como uma série de conferências anuais que reuniam centenas de líderes internacionais (desde ativistas sociais e líderes comunitários até ganhadores do Prêmio Nobel, chefes de Estado e líderes empresariais) para explorar as principais questões afetando o planeta. Esses encontros geraram uma Rede de Liderança Global comprometida com o seguinte princípio: “Transformar as conversas que importam em ações que fazem a diferença”. Ao longo dos anos, o SOWF tem patrocinado diversas reuniões e “iniciativas

estratégicas” que já resultaram em inúmeros projetos e organizações sem fins lucrativos. Em 2008, o SOWF fixou seus olhos no problema global da mudança climática e da transição para uma “economia verde”, e em novembro do ano seguinte começou um ciclo de dez anos de reuniões internacionais anuais, sempre utilizando o modelo AQAL como estrutura de organização de cada evento. Portanto, a teoria integral será usada não apenas para projetar cada conferência, mas também para guiar a criação de recomendações enviadas aos líderes políticos de todos os níveis de governo e responsabilidade civil. Esses encontros acontecerão em diferentes países ao redor do planeta e irão construir uma coalizão de pessoas comprometidas a desenvolver políticas inovadoras e ações efetivas para combater a mudança climática e servir de guia para o surgimento de novas fontes de energia. Isso sim é teoria integral em ação — trabalhando ao redor do globo, com diversas lideranças, para resolver a primeira crise planetária da humanidade.

CONCLUSÃO

A grande variedade de teoria integral em ação fala diretamente sobre a flexibilidade e a coerência de seu fundamento teórico, o modelo AQAL. Ao reconhecer a natureza **multifacetada** de questões e problemas complexos, a teoria integral cria um espaço para que **múltiplas perspectivas** contribuam na descoberta de soluções viáveis. Em nosso universo sempre em evolução, os clarins da teoria integral nos conclamam a almejar a capacidade de habitar diversas perspectivas — especialmente aquelas que **mais se diferenciem** de nossos próprios hábitos de pensamento e comportamento. Somente desenvolvendo essa **perspectiva mundicêntrica** seremos capazes de alcançar a compreensão mútua, desesperadamente necessária em nosso planeta fragmentado por visões de mundo e abordagens conflitantes. Os praticantes da teoria integral estão comprometidos em honrar e incluir a **multidimensionalidade da realidade**, e também em cultivar sua própria capacidade de ser mundicêntrico. Esse duplo compromisso de aceitação abrangente e adoção de perspectivas é o que permite que os indivíduos e organizações citados anteriormente sejam tão bem-sucedidos em seus respectivos empreendimentos — e cada um deles serve como um exemplo de como seria um mundo mais integral. O mundo é um lugar incrível, misterioso e complexo. O sistema plenamente abrangente da teoria integral é particularmente propício para honrar o mundo em toda sua complexidade e profundidade, assim como para iluminar o caminho que cada um de nós pode escolher a fim de contribuir e resolver as questões urgentes que irão nos confrontar ao longo do século XXI.

Sobre o autor

SEAN ESBJÖRN-HARGENS, Ph.D., é professor associado, fundador e membro do conselho do Departamento de Teoria Integral da Universidade John F. Kennedy, em Pleasant Hill, na Califórnia. Um dos principais praticantes-acadêmicos da teoria integral, ele é o fundador e diretor executivo do *Jornal de Teoria e Prática Integral* e o diretor-fundador do Centro de Pesquisa Integral, além de já ter publicado inúmeros escritos sobre as aplicações do modelo integral nas mais diversas áreas. É praticante de Budismo Tibetano e da Abordagem do Diamante e vive em Sebastopol, na Califórnia, em meio a alguns hectares de sequoias, com sua esposa e duas filhas. Sean é coach integral e consultor pela Rhizome Designs (www.rhizomedesigns.org).